

SIMPÓSIO AT100

GÊNEROS ORAIS E PRODUÇÃO DE TEXTOS: UMA PROPOSTA DE TRABALHO COM A ORALIDADE NA EDUCAÇÃO BÁSICA

NOVAES, Ana Maria Pires
FAETEC/RJ
profananovaes@hotmail.com

Resumo: Este trabalho tem por objetivo o ensino-aprendizagem da produção textual a partir da análise do gênero exposição oral. O *corpus* é constituído com textos produzidos em sala de aula e reproduzem situações de interação institucionalizadas. A proposta funda-se no postulado de que comunicar-se oralmente ou por escrito pode e deve ser ensinado sistematicamente pela escola (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004). Na esteira do pensamento bakhtiniano, adota-se, neste estudo, um percurso que parte do texto produzido em determinada situação interacional, para o exame de elementos linguísticos relevantes, que configuram, nos enunciados, a significação pretendida pelo produtor. Na análise, são observadas as especificidades do gênero, tendo em vista a função comunicativa e o contexto de produção. Busca-se também determinar as marcas de interatividade e as estratégias de formulação e reformulação de textos orais. Os itens analisados revelam que os produtores buscam adequar seus textos aos propósitos comunicativos e variam sua linguagem em função das necessidades comunicativas do contexto oral. Em relação às estruturas sintáticas, o resultado da análise demonstra que a língua falada tem uma sintaxe própria que deixa visível o processo de construção textual.

Palavras-chave: gêneros textuais; práticas discursivas; ensino; oralidade; produção de textos.

Abstract: This work aims to the teaching-learning of textual production from the analysis of the oral presentation genre. The corpus is composed of texts produced in de classroom and reproduces situations of institutionalized interaction. The proposal is based on the postulate that communicating orally or in writing can and should be systematically taught by the school (DOLZ, NOVERRAZ and SCHNEUWLY, 2004). In the wake of bakhtinian thought, this study adopts a course that starts from the text produced in a certain interacional situation, for the examination of relevant linguistic elements, which, in the statements, configure the meaning intended by the producer. In the analysis, the specificities of the genus are observed, considering the communicative function and the production context. It also seeks to determine the marks of interactivity and strategies of formulation and reformulation of oral texts. The analyzed articles reveal that the producers seek to adapt their texts to communicative purposes

and vary their language according to the communicative needs of the oral context. In relation to the syntactic structures, the result of the analysis shows that the spoken language has its own syntax that makes visible the process of textual construction.

Keywords: textual genres; discursive practices; teaching; orality; production of texts.

Introdução

Ao produzir um texto, um falante/autor “não apenas se situa em relação ao espaço e tempo, mas vai situando seu ouvinte/leitor dentro de um quadro mais amplo que opera como contextualização, conduzida por pistas prosódicas, lexicais, estilísticas, dialetais etc” (MARCUSCHI,1995, p.36). Tais pistas, presentes tanto nos textos orais como nos textos escritos, guiam os ouvintes/leitores na interpretação das informações textuais e contextuais (conhecimento de mundo, conhecimentos situacionais ou enciclopédicos e conhecimento da estrutura da língua).

Segundo Koch (2015, p.30-31), o leitor-ouvinte espera sempre um texto dotado de sentido e, a partir da informação contextualmente dada, põe em funcionamento todos os componentes e estratégias cognitivas que tem à disposição para a interpretação.

Os estudos linguísticos da atualidade, ao focalizarem as diferenças entre fala e escrita no *continuum* das práticas sociais, demonstram que a interatividade não é exclusiva de uma modalidade, mas uma propriedade de todo e qualquer uso da língua. Assim, tanto na fala quanto na escrita, há marcas interativas que comprovam o princípio do *dialogismo* (BAKHTIN, 2006): ninguém fala/escreve sem ter em mente um interlocutor. Da mesma forma, essas marcas, ao serem utilizadas pelo ouvinte/leitor, funcionam como pistas contextualizadoras para a construção do sentido do texto.

Embora diferentes quanto à forma de aquisição, às condições de produção, transmissão e recepção e também quanto aos meios utilizados para a organização dos elementos estruturais da língua, a fala e a escrita mantêm entre si, relações de intercâmbio, visto que são modalidades de um mesmo

sistema linguístico. Tanto os textos orais quanto os textos escritos abarcam um *continuum* que vai do nível mais informal ao mais formal, e a informalidade consiste em apenas uma das possibilidades de realização não só da fala, como também da escrita.

É preciso, portanto, que fala e escrita sejam estudadas em função das características de cada uma delas e não de suas diferenças, posto que não são dicotomicamente antagônicas. Nesse sentido, torna-se necessário, por um lado, que elas sejam vistas no contexto do efetivo uso linguístico e, por outro, que o texto seja concebido como um processo, em suas características dinâmicas, e não como um produto.

Este estudo resulta de um trabalho com o gênero *exposição oral* em turmas do curso de Formação de Professores, em instituição localizada no município do Rio de Janeiro (RJ). As atividades que determinaram a constituição do *corpus* foram gravadas em situações reais da sala de aula, a partir de trabalhos realizados em grupo, com base no texto *Como lemos: uma concepção não escolar do processo* (KLEIMAN, 2012, p.31-47).

Por compreender que as formas da língua em uso, em contextos diversos, são flexíveis e variáveis, adota-se um percurso de análise que parte do texto, produzido em determinada situação interacional, para o exame de elementos linguísticos relevantes que configuram, nos enunciados, a significação pretendida pelo produtor.

Na transcrição dos textos orais produzidos pelos alunos, foram utilizadas as normas para transcrição elaboradas pelos pesquisadores do Projeto NURC/SP, extraídas de Castilho e Preti (1986). Os interlocutores foram identificados como L1, L2, L3 ... Na análise, quando exemplos forem transcritos, serão indicadas as linhas em que o fenômeno analisado se encontra na transcrição.

1. O Gênero Exposição Oral

A exposição oral se situa entre os *gêneros da ordem do expor*, que veiculam o conhecimento mais sistematizado (conhecimento científico, por exemplo), cuja capacidade de linguagem dominante é a apresentação textual de

diferentes formas de saberes. São exemplos de gêneros dessa ordem conferência, entrevista de especialista, palestra, entre outros.

A exposição oral em sala de aula, mais conhecida na escola como seminário, se define como um gênero secundário, relativamente formal, que envolve os alunos expositores e um público – os demais alunos, reunidos para ouvi-los, e o professor. Embora tenha uma longa tradição e seja frequente nas aulas de diferentes disciplinas, a exposição não é tratada como um objeto de ensino de expressão oral.

Dolz *et al* (2004) criticam a forma como é constantemente praticada, sem que haja, verdadeiramente, um trabalho didático direcionado para o desenvolvimento de habilidades específicas desse gênero. Ao avaliarem a exposição oral como um instrumento privilegiado de transmissão de diferentes conteúdos, argumentam:

A exposição fornece um *instrumento* para aprender conteúdos diversificados, mas estruturados graças ao enquadramento viabilizado pelo gênero textual. [...]

A intervenção didática no trabalho sobre a exposição deve, portanto, levar em conta as dimensões comunicativas que lhe são próprias e que visam à transmissão de um saber ao auditório, mas também questões ligadas ao conteúdo, além, é claro, de aspectos mais técnicos, como procedimentos linguísticos e discursivos característicos desse gênero oral (DOLZ *et al*, 2004, p.216-217)

Nas exposições orais realizadas pelas turmas envolvidas na pesquisa, a interlocução realizou-se naturalmente, com tomada de turno por diferentes alunos, que efetivaram discussões variadas em torno do tema proposto. Como professora, minhas intervenções, quase sempre, se limitaram à manutenção do intercurso verbal.

2. Análise do Corpus

Os textos orais elaborados pelos alunos reproduzem situações de interação institucionalizadas, regidas por normas, que estabelecem, até certo ponto, uma relação de assimetria entre os participantes.

A situação comunicativa da exposição oral se evidencia por meio de marcas que se referem aos sujeitos participantes: pronomes e formas verbais da

1ª pessoa do singular e do plural, formas de tratamento – você(s) e vocativo. Enquanto a forma de tratamento “você” revela a intimidade entre os interlocutores, as marcas de intersubjetividade – “nós”, “a gente” – criam o efeito de aproximação com o destinatário. Além disso, há outros traços linguísticos que sinalizam aspectos dialógicos da linguagem e podem se apresentar de diversas formas, como, por exemplo, marcadores conversacionais interativos, marcas de sequenciação intersubjetiva (fala simultânea ou sobreposição de vozes que indica o envolvimento dos participantes com o tópico discursivo), formulação de pergunta retórica, entre outros.

Preocupados em transmitir um conteúdo e verificar se o propósito comunicativo está sendo alcançado, os alunos, em alguns momentos da exposição, fazem perguntas e, com isso, possibilitam a passagem de turno, diminuindo, de certa forma, a assimetria inicial:

L7: é a poluição do ar atmosférico... que causa doenças respiratórias... como tosse... espirros... e que afetam os olhos... que ficam vermelhos e lacrimejantes'... ((lendo)) então aqui a gente vai destacar... esse pronome... ((marcando o pronome no quadro)) 'que afetam'... então... que que causa... éh: olhos vermelhos e lacrimejantes?...

L9: o que vocês entenderam... que afetam?... A poluição que faz os olhos ficarem vermelhos...

L1: eu acho que nessa: nessa frase eu acho que pra: pra nós... o texto é deficiente... porque os: os olhos... éh: éh:: os olhos ficaram vermelhos e lacrimejantes e as doenças respiratórias estão relacionadas com a poluição do ar...(l.356-375)

A análise da estrutura da exposição oral revela as diferentes etapas de sua construção e um certo planejamento que se manifesta na divisão do conteúdo temático, na introdução de exemplos e na conclusão:

L2: bem: éh: *retomando a pergunta inicial*... por que tão poucos compreendem a linguagem escrita... enquanto todos compreendem a linguagem falada... (l.17-18)

L1: éh:: *continuando*... *continuando* éh:: éh:: vendo a diferença da... da forma da linguagem escrita... da escri... esc... do texto escrito... éh:: ela pode ser proposta... produzindo e ajeitando a produção... ao mesmo tempo que está se pensando... ela permite uma maior elaboração e cuidado... (l.22-25)

L1: [...] entendeu? *o próximo*::... *o próximo tópico que nos chama atenção* foi ... (l.47)

L12: oh:... *vou só dá/o: o resumo final né?*... que ele: *nós vimos nesse capítulo todo*... éh:: noções elementares sobre o processamento do texto escrito... (l.571-572)

As diferentes fases da exposição são marcadas, frequentemente, pelo uso do futuro perifrástico:

L5: *vamos falar primeiro das intercalações...* (l.96)

L7: *e aí a gente vai voltar nesse:: nesse problema que ela falou da distância né?... (l.338-340)*

Também estão presentes reformulações, em forma de paráfrase ou de definições, cujo objetivo é esclarecer termos, percebidos pelos locutores como difíceis ou novos:

L7: *então o NOsso... é aNÁfora né?... aí eu fui ver o que que era anáfora né?... 'anáfora é uma figura de sintaxe que representa a repetição de palavras no início de versos ou de orações'... ((lendo)) aí a J. virou pra mim e perguntou... o que que é sintaxe?... ((risos)) aí nosso colega aqui... proficiENTE né?... ((risos)) explicou que é o estudo da... da oração né?... a sintaxe é o estudo da oração... então a anáfora é u:: uma figura de... sintaxe... (l.238-247)*

As hesitações ocorrem quando o locutor, seguindo o curso normal da formulação, evidencia um problema: encontrar a palavra adequada para dar sequência ao turno. Têm sempre caráter prospectivo e se manifestam nas pausas e alongamentos, nas palavras iniciadas e cortadas, nos truncamentos de orações, nos marcadores (“ah”, “éh”, “ahn”).

As repetições explicitam a necessidade de o falante não só diminuir a densidade das informações, dando tempo ao ouvinte para melhor compreendê-las, como também de reunir condições para organizar ou reorganizar o seu próprio texto. Já as correções podem ser classificadas como reparos fonéticos (“L1: [...] é que o bom *pale...palestrista...pales-TRIS-ta...*”) e de seleção lexical (“L9: *ela colocou... então... em vez de ajudar ... em vez de facilitar o trabalho de revisão...*”).

A análise demonstra que, nem sempre, as interrupções sintáticas estão associadas à correção ou à dificuldade de processamento. Como destaca Koch (2007), o locutor é, muitas vezes obrigado a “sacrificar” a sintaxe em prol das necessidades de interação, fato que se traduz nas inúmeras marcas de formulação e reformulação. Ainda, segundo essa autora (2007, p.63), o texto falado apresenta uma sintaxe peculiar, “sem deixar de ter como pano de fundo a sintaxe geral da língua”.

A articulação das diferentes fases da exposição oral constitui uma das condições essenciais para o sucesso de sua realização. Enquanto objeto de

ensino, esse gênero exige um trabalho prévio que contemple não só a dimensão comunicativa – a finalidade e o destinatário –, mas também a organização interna e os procedimentos linguísticos necessários à sua construção.

À semelhança de gêneros escritos, como o resumo e a resenha, apresenta, em segmentos diversos, marcas linguísticas que se referem às ações da autora do texto, tema da exposição:

L1: [...] *texto começa falando: apresentando pra gente... éh: porque: tão poucos compreen:: compreendem a linguagem falada... nos fala também: a respeito que geralmente comparamos a compreensão de um texto de jornal ou de um texto acadêmico... que em ambas situações... de uso de linguagem oral... éh: o interlocutor: a audiência ajuda na construção do texto... pois o faLANte e o ouvinte re-significam continuamente o texto um do outro... (l.3-10)*

L7: *mas... mas o objetivo nosso... é: é: da autora é justamente mosTRAR... a dificulDAde que o livro didático TRAZ... (l.294-295)*

As ações da autora - atribuídas, às vezes, ao próprio texto – são explicitadas, como se pode comprovar no exemplo acima transcrito, preferencialmente, por verbos no presente do indicativo. É ele o tempo-base do mundo comentado.

Por fim, importa destacar que, no *corpus* analisado, são poucas as ocorrências de usos mais coloquiais da língua, o que revela, em primeiro lugar, que o gênero exposição oral se encontra, no *continuum*, distanciado do protótipo da fala; em segundo lugar, que os locutores têm noção de que há, também, na língua oral, restrições ao emprego desses vocábulos em várias situações comunicativas, em especial, nas interações em sala de aula.

Considerações Finais

Neste estudo, buscou-se mostrar o ensino-aprendizagem de textos orais a partir do trabalho com o gênero exposição oral e a possibilidade de aproximar as práticas escolares das situações concretas de comunicação.

. Os resultados da análise revelaram a produção de textos adequados à situação interativa, ao propósito comunicativo dos interlocutores e às exigências de um gênero oral mais formal, que traz o comentário, a explicação, a exposição

de um tema. Revelaram ainda que a maior ou menor formalidade dos usos linguísticos não depende da modalidade da língua em que o texto se produz, mas do tipo de gênero que se realiza.

Quanto à interatividade, pôde-se constatar que, embora o gênero apresente certa assimetria, as marcas de envolvimento interpessoal estão também presentes por meio de diferentes estratégias.

Em relação às estruturas sintáticas, foi possível concluir que a língua falada tem uma sintaxe própria que deixa visível o processo de construção de textos.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na Ciência da Linguagem. 6.ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de; PRETI, Dino (org.). **A língua falada culta na cidade de São Paulo**. São Paulo: FAPESP, 1986. 2v.

DOLZ, Joaquim et al. A exposição oral. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. p. 215-246.

KLEIMAN, Angela B. **Oficina de leitura**: teoria e prática. Campinas, SP: Pontes, 2012.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2015.

_____. **O texto e a construção dos sentidos**. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Contextualização e explicitude na relação entre fala e escrita. In: **Anais do I Encontro sobre Língua Falada e Ensino**. Maceió: EDUFAL, 1995. p.27-36.